

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**OLHOS VERDES:
O OLHAR DE EX-DIRIGENTES INTEGRALISTAS SOBRE O
GOVERNO MILITAR BRASILEIRO DE 1964 A 1970.**

RODRIGO OLIVEIRA GOMES

PORTO ALEGRE

2011

RODRIGO OLIVEIRA GOMES

OLHOS VERDES:

**O OLHAR DOS EX-DIRIGENTES INTEGRALISTAS SOBRE O GOVERNO
MILITAR BRASILEIRO DE 1964 A 1970.**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para conclusão do curso de
Licenciatura em História ao Departamento
de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.**

Orientadora: Prof. Dra. Carla Brandalise

PORTO ALEGRE

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RODRIGO OLIVEIRA GOMES

Aprovado em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Carla Brandalise (orientadora)

Prof. Dr. René Ernaini Gertz

Fábio Chang de Almeida

Porto Alegre
2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente à Ana Lucia, minha irmã, pelo estímulo na construção desse trabalho e pela valorização do mesmo.

Aos meus colegas e professores, pelo aprendizado que me proporcionaram durante esses anos de graduação.

Aos meus pais, pelo apoio.

Ao professor Helgio Trindade, pela cessão das fontes.

À professora Carla Brandalise, pelas críticas, sugestões e ponderações, que foram fundamentais na construção deste.

Por fim, à Cíntia, por seu amor.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a visão dos ex-dirigentes integralistas sobre a ditadura militar brasileira, no período compreendido entre 1964 e 1970, por meio do exame de entrevistas feitas com ex-membros dos quadros diretivos dessa organização.

Objetivamos encontrar possíveis pontos de contato ou discordância entre eles, e identificar as motivações dessa suposta similaridade pelo examine de temas como o anticomunismo, a posição dos “camisas-verdes” em relação ao golpe e, mesmo, sua infiltração em cargos de destaque nos governos militares.

Buscamos, igualmente, compreender a formação dessa visão com base na análise da memória coletiva dos ex-dirigentes e na construção de sua imagem em relação aos governantes do período ditatorial brasileiro.

Palavras Chave: Integralismo; Ditadura Militar; História Oral.

ABSTRACT

This work intends to analyze the vision of former leaders of integralismo on the Brazilian military dictatorship, in the period between 1964 and 1970, through the examination of interviews with former members of the board of directors of that organization.

We aim to find possible points of contact or disagreement between them, and to identify the motivations of this supposed similarity by examining issues such as anti-communism, the position of "Camisas verdes" in relation to the coup, and even their infiltration into key positions in military government.

We also seek to understand the formation of this view based on the analysis of the collective memory of former leaders and building their image in relation to Brazilian dictators of the period.

Keywords: Integralism; Military Dictatorship; Oral History.

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas.....	8
Introdução.....	9
PRIMEIRO CAPÍTULO	
1. Um espectro que ronda a mente integralista.....	17
SEGUNDO CAPÍTULO	
2. A solidariedade ao regime.....	25
2.1 - Viva a “Revolução”!.....	25
2.2 - Os presidentes.....	26
2.3 - Nossas fileiras.....	28
2.4 - Colaboração e otimismo.....	31
Considerações Finais.....	33
Lista de Entrevistas.....	35
Bibliografia.....	37

Lista de Abreviaturas

AIB – Ação Integralista Brasileira

ANL – Aliança Nacional Libertadora

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática

IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PRP – Partido de Representação Popular

SEP – Sociedade de Estudos Políticos

Introdução

Através, em especial, de depoimentos prestados por ex-membros integralistas, nos anos de 1969 e 1970, o presente trabalho tem por ideal relacionar afinidades e divergências dessa corrente política com a Ditadura Militar no Brasil. Proponho esta análise por identificar que os agentes desses grupos são historicamente reconhecidos como destacados membros da direita¹ política de nosso País, em períodos distintos do século XX. Pretendo, igualmente, descobrir qual o grau de interação entre eles; se há conexões entre suas ideologias, ações e memórias.

Este trabalho objetiva, ainda, expor a visão dos ex-dirigentes da AIB sobre o governo militar brasileiro entre os anos de 1964 e 1970, e analisar os processos intrínsecos à formação desse olhar, buscando respostas baseadas nas memórias dos ex-dirigentes. Abordarei dois temas principais para esta relação: o anticomunismo e a solidariedade dos integralistas para com o governo. Pretendo, com essa análise, identificar os pontos de apoio e de discordância ao governo, além da eventual familiaridade entre os atores.

De modo a alcançar os intentos postos acima, este trabalho se servirá do método de investigação da história oral. Entretanto, essa pesquisa não se limita apenas à exposição das impressões dos "ex-camisas-verdes"², mas, também, a um estudo crítico do processo de construção dessas impressões, intrínseco a esses olhares.

Para o correto prosseguimento do trabalho, cabe explicitar, primeiramente, a diferença de natureza entre os grupos relacionados: o Integralismo é uma doutrina que se articulou inicialmente como movimento sócio-cultural (Ação Integralista Brasileira – AIB)³ e, posteriormente, como organização político-partidária (Partido de Representação Popular – PRP)⁴. Já quando me refiro à Ditadura, falo estritamente do governo ditatorial, gerido por militares, instalado no Brasil através de um golpe civil-militar⁵, em abril de 1964.

¹ Uso da conceitualização de Norberto Bobbio, na qual *Direita* é identificada como inigualitária e seus ideais abrangem a valorização dos seguintes elementos: individualismo, irracionalismo, do sagrado, da família tradicional, do heroísmo, do militarismo, do anticomunismo, da hierarquia e tradição. In: BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996. 129 p.

² Termo usado popularmente para definir os membros da Ação Integralista Brasileira, devido à camisa verde que fazia parte do uniforme, um dos principais símbolos do grupo.

³ Ver TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, 2ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

⁴ Ver CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

⁵ Ver DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e Golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

O interesse pela temática surgiu do contato com as fontes no decurso de outra pesquisa, na qual foram analisados os perfis dos militantes integralistas, na vigência de minha bolsa de iniciação científica⁶. Ao ler as entrevistas, percebi prontamente que os depoentes faziam diversas inferências a respeito do período atual das entrevistas e relacionavam constantemente o passado e presente.

As fontes investigadas foram 30 entrevistas com ex-dirigentes nacionais e regionais da AIB, dentro de um panorama de 52, aplicadas entre maio de 1969 e setembro de 1970 pelo então doutorando Helgio Trindade, para o complemento de sua tese, publicada no Brasil em 1974 sob o título de *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*⁷. Buscando uma posição de caráter institucional, optei por trabalhar apenas com membros de maior envolvimento na estrutura da AIB, seus dirigentes regionais e nacionais⁸.

A importância desse trabalho se deve tanto pela ausência de pesquisas que relacionem os dois, fazendo uso da história oral, quanto pela singularidade das fontes, posto que não existam registros de outro corpo de entrevistas com integralistas, no período da análise.

Para situar o leitor no tema e dar conhecimento sobre os principais textos publicados sobre o Integralismo, farei aqui uma breve revisão bibliográfica, sem o objetivo de analisar ou reviver antigos debates acerca das obras. Dado que a maioria dos trabalhos de relevância analisa as especificidades do período do apogeu da AIB, durante os anos 1930, esses podem ser divididos em duas vertentes principais, como nos mostra Brusantin:

De forma geral, podemos dividir os trabalhos sobre o Integralismo [...] em duas vertentes: os elaborados nas décadas de 70 e 80, que fazem um estudo teórico e ideológico do Sigma, e os trabalhos que se iniciaram na década de 90, investindo em um corte geográfico (regional ou municipal) ou temático (a imprensa, a mulher, o Anticomunismo, o Eugenismo)⁹.

Como o foco deste trabalho não está na revisão bibliográfica, recordarei apenas as publicações consideradas mais importantes e mais abrangentes em termos de historiografia. Além dessas, serão abordadas também as obras que possuem relação mais estreita com o foco do problema proposto.

⁶ TRINDADE org. *O perfil dos militantes integralistas*. Em andamento.

⁷ TRINDADE. *Op. cit.*

⁸ *ibidem*, TRINDADE nos oferece toda a estrutura hierárquica da AIB, assim como a listagem de todos os dirigentes em seus diferentes níveis. p. 309-313.

⁹ BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Anauê paulista: um estudo sobre a prática política da primeira 'cidade integralista' do Estado de São Paulo (1932-1943)* - Campinas, São Paulo: [s.n.], 2004.

As análises a respeito do Integralismo sempre tiveram sua produção ligada ao contexto político brasileiro, sendo que as primeiras obras foram feitas por pessoas que tiveram algum grau de envolvimento com a organização, como explicita Bertonha:

[...] houve uma primeira fase, dos anos 30 até, *grosso modo*, os 60, em que a produção relativa ao movimento era centralmente de integralistas (ou seus herdeiros do Partido de Representação Popular) ou de seus opositores. Esses livros e artigos são, claro, parte da bibliografia dos estudiosos do Integralismo, mas, dado o seu próprio caráter militante, são essencialmente fonte primária e não mais do que isso.¹⁰

Os primeiros textos de caráter acadêmico que trouxeram à tona essa problemática datam da década de 1970, quando a imposição de um regime governamental autoritário no país possivelmente suscitou o interesse pelo estudo de movimentos anteriores, os quais possuíam mesma ordem. A principal publicação do período, dentre inúmeras, foi "*Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*"¹¹, com destaque baseado em sua amplitude de análise e em seu laço estreito com a fonte examinada. Esse livro é considerado referência para quem pretende aprofundar conhecimentos sobre o Integralismo. É, indiscutivelmente, um dos primeiros e mais qualificados a respeito do movimento, como mostra Serrato:

Sem dúvida, o trabalho de Trindade foi o mais importante e completo realizado neste "momento" [década de 1970], pois o autor situa a AIB dentro do contexto social, cultural, político e econômico nacional, analisa sua ideologia e a compara com as demais experiências fascistas européias, traça um retrato sociológico das lideranças e dos militantes do movimento, bem como a sua dinâmica interna de organização. Temas como a origem social e as motivações de adesão ao movimento por parte dos militantes, também são abordados, com o intuito de se traçar um perfil do movimento como um todo.¹²

Além de Trindade, entre os trabalhos da década de 1970 podemos destacar os publicados por José Chasin¹³, Marilena Chauí¹⁴ e Gilberto Vasconcelos¹⁵; já na década de 1980, destacamos o trabalho de Ricardo Araújo em seu livro *Totalitarismo e Revolução: o Integralismo de Plínio Salgado*¹⁶. Os autores citados foram, notoriamente, os principais

¹⁰ BERTONHA, João F. Introdução. In: SILVA, Giselda Brito da. *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 9

¹¹ TRINDADE, *Op. cit.*

¹² SERRATO, E. Estudos sobre o Integralismo e seus momentos. In: SILVA, Giselda Brito. *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 51.

¹³ CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado. Formas de regressividade no Capitalismo hiper-tardio*. São Paulo, Livraria Ed. Ciências Humanas, 1978.

¹⁴ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da razão integralista. In: CHAUI, M. & FRANCO, M. S. Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

¹⁵ VASCONCELLOS, G. *Ideologia Curupira. Análise do discurso integralista*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

¹⁶ ARAÚJO, Ricardo B. de. *Totalitarismo e Revolução: o Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

debatedores que deram propulsão à investigação do Integralismo. Seus textos são considerados básicos para quem pretende estudar profundamente a organização do sigma¹⁷.

Inserido em um contexto posterior, no qual a historiografia volta a retratar a questão, temos a dissertação de mestrado de Gilberto Grassi Calil¹⁸, de 1998, na qual são tratados o movimento Integralista no pós-Guerra e a formação do PRP, partido que reagrupou grande parte dos ex-militantes da AIB, bem como a inserção deste no "jogo democrático", entre 1945 e 1964. Calil merece destaque pela grande produção sobre o tema. Outro título seu, *O Integralismo e a hegemonia burguesa*¹⁹, analisa toda a história e o posicionamento político do partido, abordando o período pré e imediatamente pós-Golpe. Esses trabalhos têm muita importância para a presente investigação ao abranger a inter-relação do período de ação social com o período partidário, e podem fornecer informações pertinentes para a compreensão do pensamento integralista imerso na política democrática pré-Golpe.

Outro autor contemporâneo que merece destaque é Fabio Bertonha²⁰. Sua principal contribuição ao tema é *Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o Integralismo*²¹. Este autor se torna fundamental para o trabalho em curso devido à publicação de um artigo na revista História e Perspectivas, da Universidade Federal de Uberlândia, intitulado *Plínio Salgado, os integralistas e o regime militar. Os herdeiros do fascismo no regime dos generais (1964-1975)*²². Nesse artigo, o autor faz uma análise da intervenção do movimento e, principalmente, de seu chefe, no período do Golpe e da instituição dos

¹⁷ Entre os autores das obras citadas como básicas, ocorreu um acirrado debate sobre a definição político-ideológica da AIB. TRINDADE aponta a influência do fascismo europeu como crucial para a formação política do grupo. Entretanto, CHASIN defende que a ideologia do Integralismo é resultado da atuação e das experiências políticas de Plínio Salgado (como escritor nacionalista, político dentro do PRP e jornalista no jornal *A Razão*) e refuta a vinculação com o fascismo europeu. Para VASCONCELOS, os principais elementos da doutrina estariam presentes na corrente "Verde-amarela" e "Anta", do modernismo dos anos de 1920, mas a influência dos fascismos teria dado o "Norte" para o movimento. O trabalho de CHAUÍ, porém, se estrutura na crítica a TRINDADE e a CHASIN, colocando a ideologia integralista como fusão de elementos de um pensamento autoritário das classes médias com o anseio nacionalista da década de 1920.

¹⁸ CALIL, Gilberto Grassi. *A nova face do verde - o Integralismo no pós-guerra: a formação do partido de representação popular (1945-1950)*. 1998. 428 f. Dissertação (Mestrado) - PUCRS, Porto Alegre, 1998. Posteriormente publicado como: *O Integralismo no pós-guerra: a formação do PRP, 1945-1950*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

¹⁹ CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010. 307 p.

²⁰ Doutor em História Social (Unicamp), Professor de História Contemporânea da Universidade Estadual de Maringá

²¹ BERTONHA, João F. *Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o Integralismo*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2008. 436 p.

²² BERTONHA, João F. *Plínio Salgado, os integralistas e o regime militar. Os herdeiros do fascismo no regime dos generais (1964-1975)*. História & Perspectivas (UFU), v. 23, 2011. p. 427-449.

militares no poder. Esse texto será de grande importância para a construção de meu trabalho, por ter foco na mesma relação que eu me proponho a investigar²³. Para Bertonha:

"A ação Integralista Brasileira (AIB) foi, com efeito, o principal movimento fascista surgido no país e verificar seus ecos no regime militar parece ser um caminho metodologicamente válido para verificar a presença da extrema direita no mesmo, ainda que, provavelmente, não seja o único, nem esgote a questão."²⁴

O autor ainda colabora com os futuros interessados em pesquisar o tema através da publicação *Bibliografia orientativa sobre o Integralismo*²⁵, fazendo uma compilação dos estudos clássicos e atuais, e orientando os estudos que virão.

Somando-se aos explicitados, podemos ressaltar o livro *Estudos do Integralismo no Brasil*, de 2007, organizado por Giselda Brito Silva, que faz um panorama dos recentes trabalhos sobre o tema; e o caderno de resumos da reunião nacional da ANPUH 2007²⁶, especialmente o ciclo de apresentações sobre Integralismo, Nacional-sindicalismo e Nazi-fascismo; esse traz um levantamento geral dos temas que vêm sendo trabalhados no Brasil.

Metodologicamente, este é um estudo de história oral. Contudo, ele não segue todos os passos recomendados para um trabalho dessa natureza. Verena Alberti²⁷ argumenta que, para a produção de uma pesquisa dessa ordem, a fonte deve ser geralmente criada, começando pela escolha dos depoentes, passando pelo roteiro de perguntas e pela aplicação da entrevista; posteriormente, as próximas etapas são: a transcrição, a correção e a análise. Cabe, neste ponto, ressaltar (e lembrar) a especificidade da fonte a ser usada nesta investigação. Ela não foi "produzida" com o intuito de responder ao problema aqui proposto. As entrevistas foram confeccionadas entre 1968 e 1970, por Helgio Trindade, para complemento de sua tese²⁸. Portanto, o estudo atual trabalhará somente a partir do último estágio, executando o exame dos depoimentos coletados pelo então doutorando. Além disso, nossa proposta é inverter a condição da fonte, tirando-a da posição de "complemento", que

²³ Ao se tratar dessa relação devemos destacar também o seguinte trabalho: TRINDADE, Helgio. O radicalismo militar em 64 e a nova tentação fascista. In: SOARES, Gláucio Ary Dillon; D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1994.

²⁴ *Ibidem*. p. 429.

²⁵ BERTONHA, João F. *Bibliografia orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*. Jaticabal: Funep, 2010. 92 p

²⁶ CADERNO DE RESUMOS DO XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *História e multidisciplinariedade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Oikos, 2007. 640 p.

²⁷ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p. 155-202.

²⁸ TRINDADE, *Op. cit.*

lhe foi atribuída anteriormente, e colocando-a como elemento central deste trabalho, cerca de 30 anos depois de sua execução.

Para assinalar o olhar dos integralistas sobre a ditadura militar brasileira, foi feita a opção pelo emprego da história oral. E tal escolha aconteceu por acreditar que a "visão" de um grupo pode ser muito bem expressa pelas palavras de integrantes do mesmo, através de seus relatos, mostrando seu processo de assimilação e transmissão da história, o que é característica desse método, como argumenta Verena Alberti: "Uma das principais riquezas da história oral está em permitir o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado."²⁹ Essa noção é atribuída ao conceito de "*História de experiência*" e serve ao estudo aqui proposto, pois seu significado se assemelha ao que pretendemos extrair da investigação da fonte, visto que "[...] entender como pessoas e grupos experimentam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas."³⁰ Outra consideração importante a dar credibilidade a este tipo de análise é a crítica da fonte. Relatos pessoais tendem a aparecer como expressões da verdade, já que não se pode acreditar que o entrevistado esteja mentindo. Com o intuito de não cometer esse equívoco, adotarei o conceito de "documento-monumento" definido por Jacques Le Goff. Tal conceituação estabelece o caráter dualístico da fonte: ela possui tanto a característica de resíduo imparcial do passado (documento), como a de produção intencional (monumento). E será com este enquadramento de monumentalidade que os depoimentos dos ex-militantes serão avaliados. Seguindo os passos indicados por Le Goff:

Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.³¹

Estas entrevistas têm caráter temático, pois intentavam ver a relação dos depoentes com um único tema: o Integralismo. Não que a trajetória de vida deles não importe ou não esteja ali contida, mas o objeto central dos questionamentos está na relação deles com a doutrina integralista.

Esta fonte também será considerada em seu todo, como sugere Alberti: "Tomar a entrevista como um todo significa ouvi-la e lê-la do início ao fim, observando como as partes

²⁹ ALBERTI, *Op. cit.* p. 165.

³⁰ *Ibidem.*

³¹ LE GOFF *apud* ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p. 184.

se relacionam com o todo e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente, e sobre a própria entrevista."³². Essa atividade se faz essencial, pois almejamos encontrar uma gama de afinidades entre entrevistados, e essas nos indicarão o caminho para o estabelecimento de um "olhar coletivo" a ser analisado, sem desconsiderar as idiosincrasias como parte da constituição do grupo.

Outro ponto importante para este ensaio científico reside na questão do olhar. Pretende-se investigar o olhar não por seu ato mecânico, mas pelos processos intrínsecos a ele, da mesma forma que François Hartog se propôs a "ver como os gregos da época clássica representaram para si os outros, os não gregos."³³. Se buscará, assim, ver como os integralistas se "projetam" nessa visão sobre os militares responsáveis pelo governo, pois, quando inferem em relação aos outros, usam suas definições e características sobre os descritos; estão afirmando a sua identidade enquanto julgam as alteridades.

Objetiva-se alcançar o raciocínio análogo ao apresentado a partir do renomado estudo de Alessandro Portelli, "*O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito política, luto e senso comum*"³⁴, no qual o autor examina as disputas pela memória referente ao fato. Esse texto é interessante como modelo de investigação de fontes e pelo exaustivo debate sobre a "posse" da memória e a formação desta. Especialmente devido ao modo pelo qual constrói sua crítica aos narradores, baseado nas intenções, possibilidades e contextos dos depoimentos como fatores de alteração dos mesmos. Ao mesmo tempo, faz-nos refletir sobre as opiniões dos integralistas, pois, como eles têm uma doutrina a seguir e vivenciaram os mesmo acontecimentos, têm, *a priori*, uma memória social. Cabe-nos, como coube a Portelli, entender os processos de constituição dessa memória a partir das reminiscências individuais dos ex-militantes da AIB, posto serem elas intrínsecas ao olhar de quem narra, nosso objeto de estudo último.

Por fim, devemos enfatizar que a função da memória sobre o olhar torna-se fundamental para compreender o porquê contido nos relatos integralistas sobre os governantes militares. José Moura Gonçalves Filho dá a dimensão desta "interferência":

A memória tece lembranças assentadas na efetividade dos acontecimentos, miúdos e grandiosos, e no impacto e eloquência que impuseram a observadores participantes, que nestes acontecimentos se engajam integralmente.

³² ALBERTI, *Op. cit.* p. 185.

³³ HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Tradução de J.L. Brandão, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999. p. 37.

³⁴ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

[...] O trabalho da memória entre em contraste, então, com o esforço das ciências quando interpretam a história renunciando dela tomar parte, quando se dedicam à tentativa de um olhar sem subjetividade, que pudesse apanhar as ações sociais como conjuntura de circunstâncias positivas e exteriores, evoluindo segundo a métrica de um processo objetivo, insolável, sem sujeito. A memória, ao contrário, faz ver o fato a partir dos indivíduos ao mesmo tempo que reencontra neles a ascendência mais pertinente dos acontecimentos, as influências mais profundas e indelévels de uma época.³⁵

Assim, "não somos nunca inteiramente dependentes, mas também nunca inteiramente independentes dos espaços da memória"³⁶. O ex-Integralista vê o governo militar com o olhar "treinado" por sua vivência e ideologia. É esta constituição que será analisada nesta pesquisa.

Buscamos, com essa pesquisa, identificar a visão dos integralistas sobre o governo militar no tocante a dois pontos: o anticomunismo e a solidariedade ao regime ditatorial. Para isso, analisaremos a ideologia e a história da AIB e do PRP de modo a poder compreender os pontos-base da formação da memória coletiva dos ex-membros do Integralismo. Este procedimento será feito por meio da coleta de informações sobre os entrevistados, principalmente as referentes ao período da ditadura militar, para apurar o grau de envolvimento com as instâncias governamentais, averiguando, sobretudo, os processos intrínsecos à formação do olhar dos ex-militantes integralistas sobre o Governo Ditatorial Brasileiro (no período entre 1964 e 1970) e trazendo à tona as opiniões e reflexões dos entrevistados, com vistas a comprovar o que acreditamos ser uma gama de afinidades político-ideológica entre os atores.

³⁵ GONÇALVES FILHO, J. M. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, v. 1, p. 98-99.

³⁶ *Ibidem*, p. 113

Primeiro Capítulo

1. Um espectro que ronda a mente integralista

No Brasil, podemos afirmar que o anticomunismo surgiu logo após a Revolução de 1917, na Rússia. Esse fenômeno obteve abrangência internacional, baseado no medo ao bolchevismo e às crises pós-Primeira Guerra. O historiador Rodrigo Motta, em seu livro *Em guarda contra o perigo vermelho*³⁷, monta um grande quadro do combate ao comunismo no Brasil e aponta a construção dessa (anti) ideologia. Para o autor, o temor do poder de atração do exemplo soviético sobre as massas proletárias fez com que os governos capitalistas investissem na repressão e na propaganda de combate ao socialismo. Mas, como o próprio autor afirma, não foram somente os governos os responsáveis pela oposição; grupos de empresários, de religiosos e de intelectuais se lançaram nessa batalha.

Dentro dessa contextualização, o anticomunismo tornou-se, durante muito tempo, o principal mote para a articulação de grupos de extrema-direita no país. O processo de construção da identidade dos grupos da direita brasileira está diretamente ligado à alteridade na qual ela se constitui em relação ao "perigo vermelho". Esse "sentimento" esteve presente na AIB, durante o período entre as duas grandes guerras, e na Ditadura Militar, durante a Guerra Fria³⁸.

Entretanto, para entendermos a construção dessa aversão ao socialismo, é crucial que conheçamos o processo de formação da ideologia e das instituições integralistas. No ano 1932, o então jornalista e escritor Plínio Salgado inicia uma articulação de intelectuais e de grupos regionais de extrema-direita, e funda a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que reunia intelectuais de tendências autoritárias³⁹. Essa sociedade foi, sem dúvida, o embrião do Integralismo. Daí saíram os ideais que nortearam o movimento, como afirma seu fundador:

"(...) Eu dizia, nós não temos direito de falar ao povo, sem primeiro formarmos uma consciência doutrinária nossa para sabermos o que vamos falar. Então formamos a Sociedade de Estudos Políticos, que funcionou muito bem, e deu

³⁷ MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

³⁸ *Ibidem*. Segundo MOTTA, existem três períodos que podem ser considerados agudos no combate ao comunismo. O primeiro, entre 1935 a 1937, logo após a "Intentona Comunista"; o segundo, entre 1946 e 1950, após o início da Guerra Fria; e o terceiro, após o Golpe de 1964.

³⁹ TRINDADE. *Op cit.* p. 120.

como resultado, nos quando chegamos a um certo ponto de nossas pesquisas, eu disse: "Nos agora precisamos ir ao povo", então nós criamos uma seção da Sociedade de Estudos Políticos, chamada Ação Integralista Brasileira, era uma simples seção."⁴⁰

A partir da SEP é fundada a Ação Integralista Brasileira (AIB), através do Manifesto Integralista, de 07 de outubro de 1932. Em seguida, a AIB torna-se uma entidade política nacional, já que recebe prontamente o apoio de outras organizações, como a Legião Cearense do Trabalho⁴¹ e o Partido Nacional Sindicalista, notadamente fascista, organizado em Minas Gerais, por Olbiano de Mello⁴².

O Manifesto Integralista sintetizava os ideais da nova organização: defesa do nacionalismo como base cultural e do corporativismo como base da organização política do Estado; combate ao liberalismo e, principalmente, ao comunismo. Este último fator dará maior atratividade ao movimento.

Durante sua existência, a Ação Integralista Brasileira usou da estimulação ao medo comunista como forma de arregimentar adeptos para seus quadros. Esse foi, segundo Trindade, o fator preponderante de atração dos filiados ao movimento⁴³. É comum, nos depoimentos de ex-dirigentes, verificarmos a importância dada ao tema, como explicita o Gal. Olimpio Mourão: "Em 1933/34, o Brasil estava sendo entregue ao comunismo de mãos atadas (...) e o comunismo crescendo no Brasil. E havia uma força que se propunha a combatê-los: era o Integralismo de Plínio Salgado. Então eu me filiei mais por isso do que pela doutrina"⁴⁴.

Em seu ensaio, Trindade nos mostra que aproximadamente dois terços dos militantes da AIB aderiram devido ao medo do comunismo. Para explicar a origem desse medo, o autor afirma que: "considerando que a força política do P.C.B. foi muito secundária até o

⁴⁰ Entrevista com Plínio Salgado. p. 9.

⁴¹ a Legião Cearense do Trabalho, criada por Severino Sombra, em Fortaleza-CE, em 23 de agosto de 1931, teve uma penetração dentro dos meios das massas trabalhadoras, a ponto de ser cortejada e, posteriormente, unificada ao movimento criado por Plínio Salgado, a AIB. Tendo por referência o catolicismo ultramontano, muito bem caracterizado nas obras de pensadores católicos, como De Bonald, De Maistre, Donoso-Cortés, que tiveram seus seguidores aqui no Brasil durante as décadas de 20 e 30, como é o caso de Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, cujas ideias foram difundidas a partir do Centro D. Vital, local ao qual o jovem oficial Severino Sombra, ainda na Escola Militar do Realengo, Rio de Janeiro, se fez assíduo frequentador. A Legião se comprometia em resolver os problemas sociais instaurados pelo capitalismo e seus desdobramentos, como o liberalismo e o comunismo; daí decorre o fato de ser aceita pela Igreja Católica, que lhe deu total apoio. In: SILVA, Emília Carnevalli da. *O homem no espelho: reflexões sobre a dissidência integralista de Severino Sombra (1931-1937)*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, São Paulo. 2006.

⁴² TRINDADE. *Op cit.* p. 120.

⁴³ *Ibidem.* p. 152

⁴⁴ Entrevista com Olimpio Mourão. p. 3.

surgimento, em 1935, da Aliança Nacional Libertadora, grande parte da importância atribuída a esse motivo advém, provavelmente, da inspiração anticomunista dos fascismos europeus.⁴⁵ Comprovando sua tese, Trindade apresenta, em uma escala de "motivos individuais dominantes" para adesão ao movimento, que o anticomunismo supera a "simpatia pelos fascismos europeus" e o nacionalismo, que figuram em segundo e terceiro lugares, respectivamente.

De fato, o anticomunismo já estava enraizado nos grupos de direita nesse período, mas, para esse estudo, é importante entendermos a instalação do comunismo nas forças armadas. Segundo Motta:

A definição de anticomunismo é, em princípio, relativamente elementar. Mas tal aparente simplicidade recobre uma realidade bastante complexa. Anticomunistas seriam os indivíduos e grupos dedicados a luta contra o comunismo, pela palavra ou pela ação⁴⁶ (...) no interior do amplo arco que compõe o anticomunismo podem ser encontrados projetos tão dispares quanto o fascismo e o socialismo democrático, ou como o catolicismo e liberalismo.⁴⁷

No Brasil, o anticomunismo ganha força proporcionalmente ao desenvolvimento das instituições de esquerda no país. Cronologicamente, temos marcos importantes, como a criação do PCB, em 1922; a adesão de Luiz Carlos Prestes ao PC, com sua viagem à Rússia, em 1930; a criação da Aliança Nacional Libertadora, em 1935, até o seu grande apogeu, em novembro do mesmo ano, com a "Intentona Comunista"⁴⁸. A frustrada revolta comunista de novembro de 1935 foi o evento-chave que desencadeou um processo de institucionalização da ideologia anticomunista no interior das forças armadas. Os militares participantes passaram a ser considerados traidores da Pátria e a acusação de que eles teriam tirado a vida de colegas de farda gerou tamanha comoção dentro das forças armadas que, até mesmo, um ritual de rememoração fora criado, e passara a ser celebrado todo ano, em memória dos "mártires", como explicita Motta:

"A partir de 1936 e prosseguindo pelas décadas seguintes, a vitória sobre a "Intentona Comunista" entrou para o calendário cívico das forças armadas, passando a ser comemorada anualmente nos quartéis. Naquela data os militares recordavam o dia da "traição" ou da "vergonha", como muitos diziam, e renovavam o voto de estar sempre a postos contra o comunismo. Era uma ocasião importante, sobretudo para socializar os jovens membros da corporação, integrando-os aos valores anticomunistas e garantindo, assim, sua reprodução ao longo do tempo."⁴⁹

⁴⁵ TRINDADE. *Op cit.* p. 152.

⁴⁶ O autor faz uso da definição de anticomunismo proposta em: BERSTEIN, Serge; BECKER, Jean-Jaques, *Histoire de l'anticommunisme*. Paris. Olivier Orban, 1987.

⁴⁷ MOTTA. *Op cit.* Introdução, p. XIX

⁴⁸ *Ibidem*

⁴⁹ *Ibidem.* p. 37

O período entre a Intentona Comunista e o golpe do Estado Novo é tido por Motta⁵⁰ como o de maior força no combate e na disseminação ideológica contra o anticomunismo. O então presidente Getúlio Vargas notoriamente usa do medo do comunismo para se estabelecer. A própria instauração do Estado Novo, em 1937, está diretamente atrelada a isso. Poucos meses antes das eleições presidenciais de 1938, o governo de Vargas usa o pretexto de um suposto plano comunista para tomar o poder. Essa iniciativa ficou conhecida como Plano Cohen, que depois foi reconhecido como uma ficção criada pelo então capitão do exército Olímpio Mourão Filho. Foi neste contexto que muitos militares aderiram ao Integralismo. O próprio chefe do serviço secreto do Integralismo relata que chegou a ter um fichário com dois mil militares do movimento; e nele que se forjou o anti-comunismo nas forças armadas.

Neste período, supõe Bertonha, o movimento integralista esteve mais próximo de atingir o poder, mas não teve força suficiente para se impor às forças conservadoras de direita (Igreja, militares e elites econômicas) e acabou expelido do governo. Em desespero, alguns militantes optaram pela tentativa frustrada de um *putsch*, em maio de 1938⁵¹.

A partir desse episódio, houve severa repressão do Estado Novo sobre a AIB. Só no Rio de Janeiro foram 1500 presos⁵². No período da Segunda Guerra, eles passam a ser identificados como símbolo da ameaça fascista que as tropas brasileiras combatiam na Europa, sendo taxados de "inimigos da nação" e "espiões nazistas" ⁵³ por diversos periódicos nacionais. Seu chefe, Plínio Salgado, encontrava-se exilado em Portugal, tentando manter a unidade através de cartas aos seus correligionários, sem suscitar oposição ao Governo Vargas. Raymundo Padilha assumira como representante do chefe nacional em território brasileiro. Após sete anos afastado do cenário político nacional, o Integralismo ressurgiu sob uma forma mais adaptada ao jogo democrático do pós-Guerra: com a fundação do Partido de Representação Popular, em 1945. O partido busca uma grande quantidade de alianças para diluir o poder das críticas a sua organização⁵⁴. Por isso, ganha o descrédito de alguns importantes membros do passado integralista, que não se juntam à fase partidária⁵⁵.

⁵⁰ *Ibidem*. p. 82.

⁵¹ Bertonha. *Op. cit.* p. 430.

⁵² PARADA, Maurício. Tempo de Exílio: Plínio Salgado, religião e política. *Apud* SILVA, Giselda Brito da. *Histórias da política autoritária: Integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos*. Recife: Ed. da UFRPE, 2010. p. 327.

⁵³ CALIL. *Op. cit.* p. 25.

⁵⁴ *Ibidem*. p. 32-36

⁵⁵ Membros como Miguel Reale, Gustavo Barroso, San Thiago Dantas, Belmiro Valverde e Olímpio Mourão Filho não se filiaram ao PRP.

Em 1955, Plínio Salgado concorreu à Presidência da República, recebendo 714.379 votos (8,3% do total) em pleito vencido por Juscelino Kubitschek⁵⁶. Em razão da instituição do AI-2 (artigo 18), em outubro de 1965, foi desativado o sistema pluripartidário no País e o PRP, assim como os outros partidos, foi declarado extinto e teve seu registro cancelado.

Podemos perceber, em vários momentos, que o "espectro comunista" continuava rondando a nação para o desespero dos militares no período pré-Golpe de 1964, antes da institucionalização do regime. Voltando à figura de Olímpio Mourão Filho, vemos o quão latente é esta preocupação em suas mentes, a ponto da criação de uma suposta teoria da conspiração, que usaria o então Presidente João Goulart como fantoche. Argumenta Mourão:

[...] quando eu fiz a revolução contra o João Goulart, era para tirar um presidente fraco, incapaz e imbecil; não foi para tirar um comunista, não. Porque aí o Brasil correu o seu verdadeiro perigo. Veja bem: eles matariam o João Goulart (eu tinha informações disto), e eles liquidariam o Brizola – que era um bobão – e o Carlos Prestes tomaria conta do poder, e depois, então iam se passar cem anos para que nós fôssemos livres deles.⁵⁷

Podemos perceber claramente que, dentro deste instinto golpista e com a facilidade de se criar planos comunistas para tomar o Brasil, Mourão – como militar e ex-integralista – trazia consigo toda a carga de mais de 30 anos de luta contra esse inimigo (que ele super dimensionava). Então, no auge das perseguições, ele se considerava, provavelmente, um visionário, um vanguardista da causa que agora era seguida pelo regime. Talvez por isso a facilidade em afirmar sua posição. Além disso, Mourão é o principal agente irrompedor do Golpe de 1964. Segundo Hélio Gaspari⁵⁸, sem a devida coordenação com outros generais, Mourão, como comandante da 4ª Região Militar e da 4ª Divisão de Infantaria do I Exército, sediados em Juiz de Fora (MG), iniciou o movimento de deposição do Presidente João Goulart. Não demorou muito para que ele recebesse sua recompensa. Em setembro do mesmo ano de 1964, ele foi "premiado" com a nomeação para Ministro do Superior Tribunal Militar.⁵⁹

Trabalhando ainda sobre o Golpe, devemos prestar atenção à análise que Bertonha faz sobre a intencionalidade de autopromoção dos integralistas no período. Segundo o autor, Plínio Salgado tentou, através de discursos posteriores, atrair os "méritos" da revolução para

⁵⁶ CALIL, Gilberto Grassi. 1955: a campanha de Plínio Salgado à Presidência. In: SILVA, Giselda Brito da. *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 237-265.

⁵⁷ Entrevista com Olímpio Mourão Filho. p.32

⁵⁸ GASPARI, Hélio. *A Ditadura Envergonhada*. Coleção As Ilusões Armadas. v. 1. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. p. 68.

⁵⁹ Para uma biografia resumida de Olímpio Mourão Filho, consultar: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

si e para o Integralismo⁶⁰. Salgado faz uso da imagem de Mourão Filho e ressalta o ressurgimento de seu movimento conjuntamente à data do Golpe.⁶¹

Podemos perceber também que, nas entrevistas de outros membros, nas quais é evidenciada a continuidade do sentimento anticomunista e a correlação do período em que a AIB era atuante com o período da atualidade da entrevista. Segue um trecho da entrevista de Vicente Meggiolaro⁶² que nos mostra essa relação constante:

Naquela ocasião, como agora, nós desejávamos ver um Brasil independente, forte e livre dessas injunções materialistas, comunistas que vinham perturbar o ritmo de nosso crescimento e da nossa independência, tanto social como econômica.⁶³

Na entrevista feita com o chefe do movimento integralista, podemos notar semelhante raciocínio: "A única realidade que eu tinha naquela época é a mesma de agora, duas forças destruidoras: o capitalismo, de um lado; e o comunismo, de outro. E nós lutávamos contra estas duas forças"⁶⁴. Podemos perceber no comentário de Plínio Salgado uma importante linha de raciocínio, em especial no trecho de sua entrevista no qual o assunto é a viagem à Europa⁶⁵ e seu contato com as doutrinas fascistas. Plínio compara a década de 1930 à de 1960 e, em ambas, se coloca como inimigo do comunismo, o qual, para ele, está presente nos dois períodos.

Segundo José Loureiro Júnior, ex-integrante do Conselho Supremo da AIB e genro de Plínio Salgado por volta do ano de 1963, o chefe ainda trazia consigo a mobilização do anticomunismo no período em que era deputado federal pelo PRP:

"Quando ele chegou da Europa, reuniu as pessoas de responsabilidade em São Paulo e disse: os senhores estão enganados, o partido comunista vai agir da seguinte forma: vai largar operários, camponeses, vai viver através de estudantes, de padres, etc., temos de fazer a nossa luta aqui. Isso ele falou há cinco anos atrás, numa reunião a que eu assisti."⁶⁶

⁶⁰ BERTONHA. *Op. cit.* p. 434.

⁶¹ *ibidem*

⁶² Comerciante de café, carioca, integrante da Câmara dos Quarenta e reconhecido "mecenas" da AIB.

⁶³ Entrevista com Vicente Meggiolaro. p. 1.

⁶⁴ Entrevista com Plínio Salgado. p. 24.

⁶⁵ Em 1930, Plínio Salgado viaja à Europa e conhece os novos regimes que surgiam no continente, especialmente o Fascismo italiano de Benito Mussolini. O então jornalista, em contato direto com o *Duce*, troca experiências e volta ao Brasil convencido de que é necessária a imposição de um nacionalismo agressivo, impondo ordem e disciplina, além da hegemonia nacional na América do Sul. *In: TRINDADE. Op. cit.* p. 75.

⁶⁶ Entrevista com José Loureiro Júnior. p. 20.

O próprio Loureiro, na mesma entrevista, quando se refere aos focos da luta contra a ditadura militar, cobra o fato de não terem prestado atenção às palavras de Plínio para antecipar as ações dos comunistas.

Podemos notar que existe sempre a cobrança dos integralistas no combate ao comunismo, por mais que a repressão fosse agravada, com um grande número de expurgados, presos, exilados, torturados e desaparecidos políticos⁶⁷. Para os integralistas, o governo deve manter uma mão mais forte sobre o assunto.

“O Brasil está num beco sem saída. Como é que podemos sair disto: quando será que os militares vão concluir que este regime presidencialista esta favorecendo a revolução subversiva. Eu estou certo de que a revolução que aí está é efeito e não causa.”⁶⁸

Outro companheiro de ideais, ao ser questionado sobre a ameaça comunista, também cobra uma postura mais rígida das autoridades: "Eu acho que precisava firmar muito o poder, porque, apesar do governo estar com tantas leis, e tudo mais, ele não usa dessas leis. Eu acho que ainda há muito liberalismo no governo..."⁶⁹. Plínio Salgado também fazia críticas "leves" aos governantes, principalmente sobre o "uso moderado" dos meios de repressão e da convivência pacífica com o mundo comunista⁷⁰.

Ao analisarmos a visão dos ex-dirigentes da AIB sobre a presença do anticomunismo no Governo Militar Brasileiro, podemos ver questões importantes. Os integralistas se veem como vanguardistas no combate ao comunismo no país; percebem as ações do governo para o combate aos principais inimigos (para eles, inimigos da Pátria); e cobram ações rígidas para a eliminação da doutrina no Brasil.

Podemos fazer um raciocínio análogo ao que faz François Hartog em seu livro *O Espelho de Heródoto*. Através da "retórica da alteridade", percebemos que os integralistas constroem sua imagem em contraponto à do outro: o Governo Militar, por mais que esse outro possua um inimigo em comum. Da mesma maneira que Hartog analisa a construção histórica que Heródoto faz da guerra cita contra Dario baseando-se, necessariamente, no modelo das Guerras Médicas⁷¹, devemos analisar a visão dos integralistas sobre o combate ao

⁶⁷ Um grande levantamento sobre o tema se pode encontrar em: ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985. Ou uma visão mais crítica e pessoal em: GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 3ª ed. Editora Ática: São Paulo, 1998.

⁶⁸ Entrevista com Olímpio Mourão Filho. p. 28.

⁶⁹ Entrevista com Mário Mourão. p. 28.

⁷⁰ BERTONHA. *Op. cit.* p. 438.

⁷¹ HARTOG. *Op. cit.* p. 48.

comunismo dentro da ditadura militar baseando-nos, necessariamente, na experiência dos seguidores do sigma em sua história de combates contra os agentes de Moscou. Portanto, podemos aludir à identificação mitológica das figuras despóticas dos reis persas (Dario e Xerxes) com certa proximidade à construção de uma figura mitológica do imperialismo soviético (dentro do Brasil, possivelmente representado por Prestes e por Jango). E, da mesma forma, os camisas-verdes representam para si o outro (o governo militar) através do mesmo espelho de Heródoto, no qual está refletida a formação de sua própria imagem⁷². Contudo, se não conseguimos identificar tantas diferenças entre militares e integralistas, assim como o pai da História o fez entre gregos e citas, é, possivelmente, porque os atores possuem grande semelhança ideológica.

Portanto, por meio da investigação dos depoimentos, concluímos que é estrita a relação entre o governo militar (e as forças militares brasileiras do período de 1964 a 1970) e o Integralismo no tocante à presença e a construção do sentimento anticomunista. E, do mesmo modo, a forte presença dos ideais integralistas dentro das forças armadas é, para os ex-dirigentes, uma evidência da perpetuação de sua causa.

⁷² *Ibidem.* p. 75-76.

Segundo Capítulo

2. Solidariedade ao Regime

(...) Condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir ao grupo unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face da oposição vinda de fora.(...)⁷³

A definição do termo "solidariedade" em um dicionário me trouxe a certeza de que havia encontrado o título deste capítulo. Termos como apoio, amizade, simpatia e cooperação não dariam a exata dimensão da relação entre os analisados. Sabemos que muitos dos ex-dirigentes do PRP se alinharam aos quadros da ARENA, o partido governista. Assim como Trindade identificou, em sua pesquisa, que boa parte das adesões à AIB se deram, também, pela "simpatia pelo fascismo europeu"⁷⁴, pretendemos perceber, da mesma forma, a simpatia pelo governo de então. Esse capítulo se propõe a analisar, pois, a visão dos ex-dirigentes integralistas sobre o governo quando nos referimos à solidariedade deles para com os personagens e para com as ações dos mandatários do país daquele momento histórico.

2.1 – Viva a "revolução"!

Ao analisarmos o conteúdo das entrevistas, podemos perceber o entusiasmo que paira sobre os ex-dirigentes, ainda ligados ao movimento de alguma forma. Inicialmente, é importante destacar o papel dos integralistas na tomada do poder pelos militares, como nos mostra Calil:

O PRP teve uma intervenção relevante no processo que conduziu ao golpe civil-militar de 1º de abril de 1964, ainda esta seja praticamente desconsiderada pela historiografia. Esta intervenção se efetivou tanto através das manifestações públicas do partido nos meses que antecederam o golpe, através de manifesto, notas públicas, e discursos parlamentares, quanto pela articulação concreta de lideranças integralistas com outros grupos golpistas, sempre tendo como tônica principal o anticomunismo.⁷⁵

⁷³ Definição do verbete *solidariedade*. MICHAELLIS ONLINE. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=solidariedade>. Acesso em 17 mar 2011.

⁷⁴ TRINDADE. *Op. cit.* p. 152.

⁷⁵ CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010. 307 p.

Nos meses anteriores, é fácil identificar a presença de Prpistas na formação do clima favorável à ação golpista. Os deputados do PRP, Abel Rafael Pinto, Ivan Luiz, Osvaldo Zanella, Aníbal Teixeira e Plínio Salgado, fizeram vários discursos contra o Presidente João Goulart. O sistema IPES/IBAD⁷⁶ (organizações de articulação e apoio ao golpe) teve ex-integralistas em sua direção. Salgado usou de seu reconhecido poder de oratória para insultar o Presidente, sendo especialmente atuante em São Paulo, nas "Marchas da Família por Deus e pela Pátria". Além disso, há a presença simbólica de Mourão Filho e de Hasselmann⁷⁷ nas ações imediatas de deposição do Presidente.

Com essas evidências, podemos afirmar que os remanescentes do Integralismo tiveram, sim, importância no sucesso do movimento golpista.⁷⁸

2.2 - Os Presidentes

Outro importante ponto a ser tratado é a opinião sobre o Presidente do País. Alguns dos ex-dirigentes mostram bastante fé tanto no trabalho quanto na figura dos presidentes militares. Inicialmente, vemos o entusiasmo com a "revolução" e o apoio ao primeiro presidente militar, o Marechal Castello Branco. Podemos ver essas impressões nas palavras de Américo Jacobina Lacombe: "Eu sou um grande admirador do Castello Branco. Acho que ele representou um papel que dificilmente teria sido feito melhor com qualquer outra pessoa."⁷⁹ Lacombe acredita que o Presidente teria dado tudo de si para manter a ordem no País, chegando ao ponto de enfraquecer sua figura política em prol do melhor para o Brasil.

Nosso primeiro presidente militar desperta alegrias em mais pessoas, como podemos observar nas palavras do ex-senador Sergio Bezerra Marinho:

O Castello era obviamente um homem singular na vida brasileira. E eu até disse certa ocasião ao Aurélio Viana que vou escrever um livro sobre o Castello (...), porque eu tenho uma grande admiração pelo Castello Branco, e já tenho até o título do estudo: Castello Branco, a luta dele na presidência da república, a luta de todos os dias, de todas as horas, de todos os minutos. Foi justamente para escrever aquilo que ele achava que era seu dever constitucionalizar o país. E esse homem, que tinha como idéia nuclear essa, de constitucionalizar o país, foi obrigado a

⁷⁶ Ver DREIFUSS. *Op cit.*

⁷⁷ Almirante de longa história no Integralismo. Ganhou notoriedade por enfrentar marinheiros insubordinados, em 25 de março de 1964.

⁷⁸ Parágrafo baseado em BERTONHA. *Op cit.* p. 432-433.

⁷⁹ Entrevista com Américo Lacombe. p.36.

editar um outro Ato Institucional⁸⁰, e, diante disso, a gente é obrigada a se render às evidências de que as ações dos homens públicos e no comportamento da sociedade, não se pode exigir coerência, continuidade. Talvez seja uma das únicas coisas que não se pode exigir nem mesmo esperar. O Castello ficou nesse dilema, ou ser fiel a si mesmo e prosseguir naquele processo de constitucionalizar o país, ou lançar-se à aventura, dar um salto no mesmo, com o risco de possibilitar a eclosão de uma guerra civil no país. E acabou o patriotismo dele vencendo, a idéia de constitucionalizar o país. Ele se sacrificou.⁸¹

Opiniões semelhantes surgem quando são referidos os outros Presidentes da República. Curiosamente, não são encontrados comentários relevantes sobre o período do Presidente Costa e Silva. "O período do Costa e Silva foi mais fraco."⁸² é uma das poucas alusões ao seu governo. Este testemunho parece concordar com a descrença que a elite militar tinha no Presidente: "Você sabe que ele vai afundar o país, pois é incapaz, e eu não quero ter parte nisto."⁸³

Já o Presidente Garrastazu Médici passa a ter um destaque maior, possivelmente por ser o governante do momento da maioria das entrevistas e, certamente, por ter uma "mão mais firme" como governante, aumentando a repressão. "O Médici tem mais força e pode fazer muito pelo Brasil." é o que defende Mário Mourão⁸⁴. Américo Lacombe também se mostra otimista com o novo presidente: "Agora, esse homem (Médici) me parece muito bom. O discurso dele (discurso de posse) me pareceu excelente"⁸⁵. Outro admirador é Ângelo Simões Arruda, que não poupa elogios ao novo Presidente: "[...] uma figura de um homem muito bem dotado, muito simpático, muito equilibrado, parece que dotado de grandes qualidades, de percepção, de equilíbrio."⁸⁶. Olímpio Mourão Filho, apesar de desgostoso com os rumos da "revolução", também elogia o Presidente: "Mas ele é uma pessoa muito equilibrada"⁸⁷. Sérgio Marinho elogia o que ele chama de plasticidade em Médici:

⁸⁰ Refere-se ao AI-2. Segundo GASPARI, o Presidente Castello Branco não teve um papel tão passivo assim: "Castello baixou o Ato Institucional nº 2, transferindo ao Congresso o poder de eleger o presidente e reabrindo o ciclo punitivo extinto em 1964. O AI-2 mostrou a essência antidemocrática da moderação castellista. Derrotada nas urnas em 1946, 50 e 54, a direita militar colocara-se diante de um dilema: derrota com democracia ou a vitória sem ela. Durante os dias da crise militar que antecederam à recaída ditatorial, Castello nada fez para defender a ordem constitucional que presidia. Numa só canetada, abandonou a legalidade formal e cassou aos brasileiros o direito de eleger o presidente da República. Sabia que, fazendo isso, rolava o tapete para que seu Ministro da Guerra viesse a ser seu sucessor". *Op. cit.* p. 258-259

⁸¹ Entrevista com Sergio Bezzerá Marinho. p. 40-41

⁸² Entrevista com Américo Lacombe. p. 36.

⁸³ Opinião do general Cordeiro de Farias, Ministro do Interior em: FILHO, Luiz Viana. *O governo Castello Branco*, p. 395. *Apud* GASPARI. *Op. cit.* p. 273.

⁸⁴ Entrevista com Mário Mourão. p. 32.

⁸⁵ Entrevista com Américo Lacombe. p. 36.

⁸⁶ Entrevista com Ângelo Simões Arruda. p. 52.

⁸⁷ Entrevista com Olímpio Mourão Filho. p. 30.

“O Médici se constitui numa coisa diferente, sem o espartanismo do Castello, sem a rígida formação que o Castello possui, mas é um homem com grandes capacidades para compor, portanto pra construir. Ele possui uma certa plasticidade que proporcionou a ele o apoio para deslocar-se de uma para outra posição”⁸⁸.

Já Jaime Ferreira da Silva acredita no Presidente, mas cobra atenção ao governante:

“Acho o general Garrastazu um homem honesto, um homem bom, mas acho que ele mesmo confessou que estava despreparado, acho que por ser honesto e bom, não tem a malícia necessária. Essa é a minha impressão pessoal”⁸⁹.

Se Silva não tem total confiança em Médici, confia em seu governo, devido a sua equipe: "A linha do Garrastazu, é um homem bom, é homem honesto, e cercado de gente boa como o Etchegoyen⁹⁰, com o João Batista Figueiredo."⁹¹. Salgado até chegou a declarar que Médici fora camisa-verde junto com sua esposa, em Bagé.⁹²

Podemos perceber, pelas declarações, que os ex-dirigentes têm uma posição favorável aos Presidentes Militares. Não são encontradas críticas nas entrevistas, nem mesmo a individualidades deles. Suponho que as palavras de afeto façam parte de certo otimismo que é perceptível ao analisar o todo das entrevistas. Acreditar que um Presidente militar é um bom homem pode influir no imaginário dos ex-dirigentes, pois, para eles, um Presidente militar é muito melhor do que a possibilidade da volta da democracia e a possibilidade de um governo semelhante ao de João Goulart. São, sobretudo, solidários ao governo militar por comungarem dos mesmos ideais.

2.3 Nossas Fileiras

É notória a participação de integralistas nas bases do governo militar. Podemos citar vários nomes, como Raimundo Padilha, que foi líder do governo no Congresso e Governador da Guanabara; Alfredo Buzaid e Ibrahim Abi Ackel, que foram ministros da Justiça; João Paulo Reis Velloso, Ministro do Planejamento; e Euro Brandão, da Educação e Cultura. O próprio chefe fora líder do governo na Câmara dos Deputados (em 1966 e em 1970)⁹³.

⁸⁸ Entrevista com Sérgio Marinho. p. 44-45.

⁸⁹ Entrevista com Jaime Ferreira da Silva. p. 48.

⁹⁰ Léo Guedes Etchegoyen, assessor de Médici, filho de Alcides Gonçalves Etchegoyen, general envolvido no impasse da posse de Juscelino Kubitscheck, no qual ele aparentemente se opusera a pose do presidente eleito.

⁹¹ Entrevista com Jaime Ferreira da Silva. p. 86.

⁹² Os últimos dias dos integralistas. Isto É. 20 de maio de 1981. *Apud* BERTONHA. *Op. cit.* p. 441.

⁹³ BERTONHA. *Op. cit.* p. 436.

Podemos ainda ver a solidariedade quando os entrevistados se referem aos pares que fazem parte do governo ou, mesmo, da base militar que dá sustentação ao governo. Olímpio Mourão Filho, então Ministro do Superior Tribunal Militar, quando questionado sobre a possibilidade de integralistas estarem em destaque no governo, aponta um dos líderes do golpe: "Ah, Rademaker⁹⁴ foi (integralista). Depois, mais tarde, quando eu fui chefe do serviço secreto do Integralismo, eu tinha um fichário de dois mil oficiais das forças armadas. Aliás, as forças armadas eram a Marinha e o Exército"⁹⁵.

Podemos perceber a imersão de integralistas em todo o contexto político nacional do período, como relata Ângelo Simões Arruda:

(...) veremos que centenas, se não milhares de elementos influenciados pelo Integralismo ou pertencentes a suas fileiras, aos seus efetivos, inclusive alguns líderes, participaram do Partido Trabalhista Brasileiro como o Sr. Santiago Dantas que exerceu uma importante função e teve uma influência decisiva no Partido Trabalhista no governo do Sr. João Goulart, o Sr. Raimundo Padilha da UDN, líder da maioria do governo Castelo Branco e do governo Médici e inumeráveis outros. Seria um nunca acabar de exemplos. O Integralismo foi uma escola política.⁹⁶

Dentro do próprio governo alguns elementos ganham destaque, como o Ministro do Planejamento dos governos Médici e Geisel: João Paulo dos Reis Velloso⁹⁷.

"Mas o Sr. veja, por ex., esse Ministério, esse grande Ministro do Planejamento; esse é uma águia branca⁹⁸. Veio do Norte trazido pelo meu sogro. Quem pagou a passagem dele e o chamou foi meu sogro. Foi secretário de obras do Lacerda e hoje é um grande Ministro do Planejamento"⁹⁹.

Outro integralista que ganhou lugar de destaque no governo foi Alfredo Buzaid. Ele, que fora um dos integrantes da SEP e dos fundadores da AIB, agora toma posse como Ministro da Justiça no governo Médici. Essa nomeação gera bastante entusiasmo entre seus aliados, que passam a acreditar que a presença de integralistas no governo possa garantir a chegada de seus ideais ao poder. Ao falar sobre seu ex-subordinado na AIB, Loureiro Júnior aposta na fidelidade aos ideais e à escola integral:

⁹⁴ Refere-se a Augusto Rademaker, Almirante, integrante da junta militar que governou o país entre 31 de agosto e 30 de outubro de 1969. Posteriormente, assumiu como Vice-Presidente do governo Médici (1969 – 1974).

⁹⁵ Entrevista com Olímpio Mourão. p. 5.

⁹⁶ Segunda entrevista com Ângelo Simões Arruda. p. 14.

⁹⁷ Piauiense, ex-diretor do IPEA.

⁹⁸ Plínio Salgado, em 1952, organizou os Centros Culturais da Juventude, onde os jovens “Águias Brancas” tinham aula de filosofia, sociologia, economia, política internacional, geografia econômica do Brasil, interpretação da história, etc. Foram criados quinhentos e quatro centros culturais. In: CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 p. Tese (doutorado) – UFF. Rio de Janeiro.

⁹⁹ Entrevista com José Loureiro Júnior. p. 19.

(...) o Buzaid não poderá agir a não ser dentro do pensamento integralista porque o homem está estruturado nesse pensamento. É o pensamento dele que ele não vai mudar. Não digo que ele vai para lá e com o pensamento oculto de impor ao presidente da República um pensamento integralista. Mas quando o presidente pedir-lhe uma opinião, uma decisão, essa decisão tem que sair do pensamento integralista que é pensamento dele. Não é lógico?¹⁰⁰

As indicações de presenças de ex-integralistas são extensas. Seus antigos membros relatavam que o Integralismo tinha formado três presidentes e 123 deputados e senadores¹⁰¹, como podemos confirmar na opinião de Guido Mondin¹⁰²: "Então, nós vamos ver hoje, na Câmara dos Deputados, cerca de 100 deputados integralistas; e nenhum deles foi eleito pelo PRP. Não é curioso? Plínio Salgado fez um levantamento: em 409 deputados, tinha 100 que tinham sido integralistas"¹⁰³.

Entretanto, Bertonha nos traz uma reflexão interessante: o fato de ex-integralistas estarem no governo não significa que essa ideologia estava no poder. Ângelo Simões Arruda faz análise semelhante:

"(...) não adianta eu ir para o governo do Garrastazu, sozinho, porque todos aqueles que eu puder levar são pessoas da minha intimidade que não têm nada a ver com a história do Integralismo e com as ambições do Integralismo. Então o movimento tinha até poder, de coordenar; coordenar e criar os homens adequados para determinadas horas. O que falta no Brasil é equipe e sentido de unidade e homogeneidade, capaz de imprimir, de dar ao povo, a esperança de dias melhores."¹⁰⁴

Por mais que seu chefe se esforçasse em vincular o regime a sua causa, são vários os relatos de protestos contra essa tentativa de assimilação. Tanto os ministros quanto os partidos, MDB e ARENA, mostraram aversão à possibilidade de vinculação com o sigma¹⁰⁵. Esse desespero aparente de Salgado em impor sua presença remete à reflexão de Michel Pollak em *Memória Esquecimento e Silêncio*. Ele nos mostra que "no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer [...], elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento"¹⁰⁶. O texto de Pollak refere-se à causa da perpetuação da história judia, mas serve para pensar sobre o Integralismo, quarenta anos depois de seu apogeu,

¹⁰⁰ Entrevista com Loureiro Júnior. p. 21.

¹⁰¹ BERTONHA. *Op. cit.* 441.

¹⁰² Eleito Senador pelo estado do Rio Grande do Sul em 1956 pelo PRP, e em 1960 pela ARENA, Ministro do TCU do Governo Geisel.

¹⁰³ Entrevista com Guido Mondin. p. 35.

¹⁰⁴ Entrevista com Ângelo Simões Arruda. p. 26.

¹⁰⁵ BERTONHA. *Op. cit.* p. 441-443.

¹⁰⁶ POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Revista de Estudos Históricos, São Paulo, nº 3, p. 1-15, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 01 out 2011.

diluído dentro da ARENA. Essa relutância poderia ser a forma de não deixar seus ideais caírem no esquecimento. Porém, declarações de Salgado geraram tamanho constrangimento que o chefe teve que recuar diante da pressão dos partidos e diminuir suas vinculações¹⁰⁷.

2.4 – Colaboração e Otimismo

Por fim, estudaremos as relações de colaboração e otimismo na visão dos integralistas sobre o governo. Os integralistas acreditam que estão colaborando com o governo e com a evolução do país, e, possivelmente, eram otimistas quanto aos rumos da nação. Entretanto, ao analisar a questão da imposição da memória sobre o olhar¹⁰⁸, se conclui que o olhar integralista só será otimista se verificar a perpetuação de sua ideologia e memória.

Remetendo a um ponto anterior deste trabalho, podemos ver como Salgado adapta sua opinião sobre a presença numérica de seus ex-subordinados nos poderes da República: ele afirmara que dezenas ainda consultavam suas ideias e, portanto, o Integralismo não precisava se reorganizar, já que estava no poder como filosofia¹⁰⁹. Em entrevista a TRINDADE, em 1970, ele afirma que o Integralismo "[...] como idéia é plenamente triunfante¹¹⁰". Salgado continua mostrando o contato com o governo Médici: "A situação hoje está muito melhorada, porque muitas idéias integralistas foram postas em execução. Está muito melhorada. A idéia de Unidade Nacional depende muito deste equilíbrio entre municípios, Estado e União"¹¹¹. E segue: "A integração social do Médici¹¹² é a idéia minha, que está no meu manifesto de 1936. Está lá a fórmula disto"¹¹³.

Loureiro Junior também identifica colaborações, principalmente na organização política (na cassação de direitos políticos pelo regime) e vê a presença das ideias integralistas no regime como uma necessidade para o Brasil:

"Tudo isso que estão fazendo agora, por ex., expulsão de deputados, estruturação debaixo dos partidos políticos, é copia do Integralismo. (...) O deputado não poder

¹⁰⁷ BERTONHA. *Op. cit.* p. 441-442.

¹⁰⁸ GONÇALVES FILHO, J. M. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, v. 1.

¹⁰⁹ BERTONHA. *Op. cit.* p. 442.

¹¹⁰ Entrevista com Plínio Salgado. p. 2.

¹¹¹ *Ibidem*. p. 2

¹¹² Programa de Integração Social, determinando que parte do imposto de renda e uma parcela do faturamento das empresas privadas fossem destinadas à constituição de um fundo em benefício dos empregados.

¹¹³ *Ibidem*. p. 30.

votar contra o diretório, isso é Integralismo. Se o fizesse, para fora do partido. Não podia continuar"¹¹⁴.

Roberto Diehl também acredita que a ideologia ainda será vitoriosa no Brasil e mostra a colaboração integralista: "Acho que estão adaptando muita coisa nossa, e aqui o sr. tem, isto aqui é francamente nosso. Eu, quando li isto aqui, falei com colegas: 'Veja, de onde isso foi tirado? Dá até a impressão de que foi tirado de um programa nosso'"¹¹⁵. Diehl estava se referindo à obrigatoriedade da disciplina de Moral e Cívica nas escolas. Sabemos, realmente, que esse fato é precedente, dado que livros de Plínio Salgado e de Mário Mourão foram adquiridos pelo governo e distribuído nas escolas¹¹⁶.

Ainda encontramos mais três opiniões de ex-dirigentes que demonstram profundo otimismo, o que nos leva a concluir que o quadro político do período é estimulante para quem ainda guardava os ideais originais da AIB. O relato mais interessante é de um ex-membro, que trocou o Integralismo pelo trabalhismo: Roland Corbisier¹¹⁷. Ele sintetiza as impressões de seus companheiros do passado com perfeição:

"[...] o governo é de certo modo um governo integralista, na medida em que o Integralismo é a manutenção do *status quo*, em nome disto, "Deus Pátria e Família", são valores espirituais, cristãos, de civilização ocidental. Em nome disto é que se exerce a repressão e opressão, em nome destes valores. Plínio Salgado está inteiramente de acordo com este governo."¹¹⁸

Considerações Finais

¹¹⁴ Entrevista com Loureiro Junior. p. 21.

¹¹⁵ Entrevista com Roberto Diehl. p. 39.

¹¹⁶ BERTONHA. *Op. cit.* p. 439.

¹¹⁷ Dissidente integralista que fora eleito Deputado Federal, em 1962, pelo PTB e fora cassado em 1965. Travou, segundo depoimento seu, vários debates com Plínio Salgado, na Câmara.

¹¹⁸ Entrevista com Roland Corbisier. p. 24.

Através do exposto, podemos concluir que a visão dos ex-dirigentes integralistas em relação à Ditadura Militar do período entre 1964 a 1970 é, sobretudo, de absoluta identificação.

O estudo dos depoimentos nos mostrou que os ex-camisas-verdes procuravam, sempre que possível, estabelecer elos entre sua doutrina e as ações do governo militar. Como analisamos, essa constante vinculação é, possivelmente, a única forma dos mesmos manterem sua memória coletiva e projetarem alguma expectativa de sobrevivência de seus ideais.

No tocante ao anticomunismo, ficou evidenciada a posição dos direitistas da década de 1930 como precursores, ou mesmo professores, dos grupos de repressão pertencentes aos governos do período analisado. Ser integralista é ser necessariamente um combatente em constante vigília contra o “perigo vermelho”; ser integralista é ser anticomunista. Esse é o principal elemento de continuidade dentro do movimento, provavelmente até de unidade. Na trajetória histórica do movimento, esse sentimento é constante e imutável no pensamento dos mesmos, seja na década de 1930, sobre influencia dos fascismos europeus, seja nas décadas de 1950 e 1960, sob égide da Guerra Fria. O medo dos bolcheviques foi responsável pela sustentação do movimento por, pelo menos, 43 anos (1930 – 1975), desde a fundação da SEP até a morte de Plínio Salgado. A perseguição dos militares aos políticos e militante de esquerda fazia os integralistas acreditarem que se constituía uma atmosfera favorável à colocação de suas ideias em destaque nacional. Esse tema é tão vasto e importante que mereceria um estudo aparte.

A visão dos ex-dirigentes, chefiados por Plínio Salgado, é também uma visão de solidariedade, daqueles que, nesse período, estavam aliados (ideologicamente) ao governo na busca por um país melhor, dentro das suas concepções. Elementos básicos do vocabulário historiográfico sobre a ditadura militar, como nacionalismo, hierarquia, anticomunismo, valorização da família e integração nacional, são todos proclamados pelos herdeiros do fascismo com ideais que eles forjaram na Pátria. E o fato desses termos estarem em voga no período faz os membros do sigma imaginarem que isso é resultado do sucesso de sua causa.

A presença de pessoas que tiveram alguma ligação com o Integralismo em posições de poder faz com que seus correligionários observem suas ideias como uma espécie de alicerce ideológico dos governos militares. Ver seus ex-companheiros no poder incitava os demais integralistas a aventarem a possibilidade de que seu movimento estava perto de tomá-lo como um todo.

Esse cenário nos leva a identificar uma visão otimista nas falas dos depoentes. Em sua grande maioria, eles acreditam ou na imposição cada vez maior de suas ideias no governo ou na crescente participação de seus colegas nos quadros do poder, ou, até mesmo, na chegada do Integralismo à liderança nacional. O otimismo se dá tanto em relação ao futuro do país quanto ao futuro do próprio movimento.

Por fim, percebemos o olhar dos ex-dirigentes integralistas sobre a ditadura militar brasileira como o de quem se coloca a frente ao espelho, depois de certa idade, mas que ainda se enxerga como se estivesse no apogeu de sua juventude. Os militares são, na visão dos camisas-verdes, o seu reflexo rejuvenescido e a possibilidade de ter suas vontades colocadas em prática. E os possíveis defeitos e distorções desse reflexo são superados pela imposição de uma memória saudosista.

FONTES PRIMÁRIAS

Entrevistas Semidiretivas com dirigentes Integralistas (realizadas por Helgio Trindade no período de maio de 1969 a setembro de 1970, sem maiores informações).

Legenda: Entrevistas citadas diretamente foram marcadas com o símbolo (*)

DIRIGENTES NACIONAIS

ARRUDA, Rui. São Paulo (SP);
 BARROS, Arno Othon de. Rio de Janeiro (RJ); *
 HENRIQUES, Carlos de Freitas. Rio de Janeiro (RJ);
 LACOMBE, Américo. Rio de Janeiro (RJ); *
 LOUREIRO JUNIOR, José. São Paulo (SP); *
 MEGGIOLARO, Vicente. Rio de Janeiro (RJ);*
 MOTTA, Jeovah. Rio de Janeiro (RJ);
 MOURÃO FILHO, Mário. Belo Horizonte (MG); *
 MOURÃO, Olímpio. Rio de Janeiro (RJ); *
 REALE, Miguel. São Paulo (SP);
 SALGADO, Plínio. Brasília (DF); *
 TELLES, Godofredo da Silva. Rio de Janeiro (RJ);

DIRIGENTES NACIONAIS

ARNT, Arno. Porto Alegre (RS)
 ARRUDA, Ângelo Simões. São Paulo (SP);*
 BITENCOURT, Dario. Porto Alegre (RS);
 CORBISIER, Margarida. São Paulo (SP);
 CORBISIER, Roland. Rio de Janeiro (RJ); *
 DIEHL, Roberto. Porto Alegre (RS); *
 FIGUEIREDO, Hely Duarte. Belo Horizonte (MG);

FERREIRA DA SIVA, Jaime. Rio de Janeiro (RJ); *
HASSELMANN, Haroldo. Rio de Janeiro (RJ); *
HOLANDA, Antônio Guedes. de Rio de Janeiro (RJ);
LISBOA, Edgar. Rio de Janeiro (RJ);
LIMA, Raimundo Barbosa. Local não informado;
MARINHO, Sérgio. Rio de Janeiro (RJ); *
MEDEIROS, Jader. Rio de Janeiro (RJ);
MONDIN, Guido. Porto Alegre (RS); *
PERGHER, Humberto. Porto Alegre (RS);
RESENDE, João Alves. Belo Horizonte (MG);
WAGNER, Aurora. Porto Alegre (RS).

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da história.” In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005,
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: o Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERSTEIN, Serge & BECKER, Jean-Jaques, *Histoire de l'anticommunisme*. Paris: Olivier Orban, 1987
- BERTONHA, J. F. *Bibliografia orientativa sobre o Integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010. 92 p
- BERTONHA, J. F. Introdução. In: SILVA, Giselda Brito da. *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007.
- BERTONHA, J. F. *Plínio Salgado, os integralistas e o regime militar. Os herdeiros do fascismo no regime dos generais (1964-1975)*. *Historia & Perspectivas (UFU)*, v. 23, 2011. p. 427-449
- BERTONHA, J. F. *Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2008. 436 p.
- BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Anauê paulista: um estudo sobre a prática política da primeira ‘cidade integralista’ do Estado de São Paulo (1932-1943)* - Campinas, São Paulo, 2004.
- CADERNO DE RESUMOS DO XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, São Leopoldo. *História e multidisciplinariedade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Oikos, 2007. 640 p.
- CALIL, Gilberto Grassi. 1955: a campanha de Plínio Salgado à Presidência. In: SILVA, Giselda Brito da. *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 237-265.
- CALIL, Gilberto Grassi. *A nova face do verde - o Integralismo no pós-guerra: a formação do partido de representação popular (1945-1950)*. 1998. 428 f. Dissertação (Mestrado) - PUCRS, Porto Alegre, 1998.
- CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010. 307 p.
- CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001
- CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado. Formas de regressividade no Capitalismo hiper-tardio*. São Paulo, Livraria Ed. Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da razão integralista. In: CHAUÍ, M. & FRANCO, M. S. Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação política, poder e Golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

GASPARI, Hélio. *A Ditadura Envergonhada*. Coleção As Ilusões Armadas, volume 1. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

GONÇALVES FILHO, J. M. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, v. 1,

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas a luta armada*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Tradução de J.L. Brandão, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, *apud*. ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da história.” In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996 (103-130).

PARADA, Maurício. Tempo de Exílio: Plínio Salgado, religião e política. *Apud* SILVA, Giselda Brito da. *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos*. Recife: Ed. da UFRPE, 2010.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Revista de Estudos Históricos, São Paulo, nº 3, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2011.

SERRATO, E. estudos sobre o integralismo e seus momentos. In: SILVA, Giselda Brito. *Estudos do integralismo no Brasil*. Recife: Ed. UFRPE, 2007.

TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, 2ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

TRINDADE, Hélgio. O radicalismo militar em 64 e a nova tentação fascista. In: SOARES, Gláucio Ary Dillon; D"ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1994.

VASCONCELLOS, G. *Ideologia Curupira. Análise do discurso integralista*. São Paulo, Brasiliense, 1979.